

em nosso imaginário”. Os autores buscavam trazer a ideia de casa como “um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade” (Bachelard, 1978, p.208), ou ainda, um espaço em que “memória e imaginação não se deixam dissociar” (Bachelard, 1978, p.200). É notável que os trabalhos desenvolvidos ao longo de 2020 e 2021 reflitam as questões que a pandemia e o isolamento social trouxeram acerca das relações, com os objetos, com o outro, e também com o espaço em si. A percepção de que o ambiente doméstico sofreu profunda transformação durante este período e que a forma como ocupamos, usamos e vivemos no ambiente mais íntimo que a casa representa foi atualizado, alimenta o questionamento sobre os limites deste “novo normal” pós-pandêmico. Entender que o isolamento prolongado, a transformação do lar em um espaço multi-tarefas, a presença virtual de pessoas “estranhas” à nossa intimidade e a profunda virtualização das relações que se impuseram diante da pandemia, promoveram um processo de resignificação do espaço doméstico e que isso tem grande importância na construção das relações humanas com a forma como entendemos, habitamos e vivemos em casa.

Referências

- Bachelard, G. (1988). *A poética do devaneio* (1ª ed.). Brasil: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Bachelard, G. (2008). *A poética do Espaço* (2ª ed.). Brasil: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.
- Hall, E. T. (1989) *A dimensão oculta* (3ª ed.). Brasil: Editora Francisco Alves

Abstract: The concept we have of what "house" is has been updated since the pandemic of COVID-19. We will present audiovisual material developed by students for the discipline Digital Media I of the Visual Communication Design Course of the Federal University of Rio de Janeiro. The works were produced before and during the pandemic and analyzed under the eyes of Bachelardian phenomenology enriched by aspects of Media Ecology.

Keywords: Visual Communication - Media Ecology - Poetics of Space - house - COVID-19.

Resumen: El concepto que tenemos de lo que es el "casa" se ha actualizado desde la pandemia de COVID-19. Presentaremos material audiovisual desarrollado por los estudiantes para la disciplina Medios Digitales I del Curso de Diseño de Comunicación Visual de la Universidad Federal de Río de Janeiro. Las obras fueron producidas antes y durante la pandemia y analizadas bajo la mirada de la fenomenología bachelardiana enriquecida por aspectos de la Ecología de los Medios.

Palabras clave: Comunicación visual - Ecología de los medios de comunicación - Poética del espacio - casa - COVID-19.

(* **André de Freitas Ramos:** Graduou-se em 1997 em Desenho Industrial pela PUC-Rio, pós-graduado em docência pela UNESA(2000), mestre (2008) e doutor (2016) em design pela PUC-Rio. Foi professor do técnico em design gráfico da UNESA entre 1999 e 2009. Lecionou na PUC-Rio na graduação em Design e na Pós-graduação em Animação entre 2008 e 2010 quando se tornou professor permanente no curso de Comunicação Visual/Design da Escola de Belas Artes da UFRJ, ficando responsável por ministrar e as disciplinas de Mídia Digital I e Tecnologia e Produção da Imagem, relativas a História em Quadrinhos e Animação. Tem experiência na área de Design, com ênfase em animação, pós-produção em vídeo, tipografia e modelagem 3D. Desenvolve investigação na área de LudoDesign relativa à motion graphics, jogos e aplicativos para dispositivos móveis, animação, história em quadrinhos e convergência midiática. Foi Coordenador acadêmico do Curso de Comunicação Visual Design da UFRJ entre 2019 e 2021.

O design brasileiro por mãos negras: ruptura e devir conceitual

Anderson Almeida (*)

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 177-179. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: enero 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: Este artigo tenciona o conceito de design no Brasil. Na verdade, ele revisita a construção semântica deste e parte para um debate que atravessa séculos. Neste sentido, propõe analisar objetos produzidos por homens e mulheres negras escravizados entre os séculos XVIII e XIX. Para isso temos como fontes os objetos da coleção Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão, acervo do Museu Afro Brasil, na cidade de São Paulo – Brasil. É a partir destes objetos que apontaremos se o conceito de design pode ser entendido na produção que é anterior ao marco histórico do design brasileiro.

Palavras chave: conceito de design – escravidão – Objetos – Museu Afro Brasil.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 179]

O design, a coleção e a produção negra no Brasil

Que ninguém se engane com a aparência amena dessa água, cuja superfície transparente esconde a profundidade de vivente de um oceano! (Flusser, 2013, p. 12).

A coleção Arte, adorno, design e tecnologia no tempo da escravidão, lançada em 2012, no Museu Afro Brasil, em São Paulo, e curada pelo artista e curador Emanuel Araújo, revela uma infinidade de fontes que nos possibilitam enxergar um Brasil construído por mãos negras. Essa construção não é somente no cultural, mas nas técnicas trazidas do além-mar e utilizadas para construir objetos de cozinha, decoração, ferramentas de trabalho, joias, amuletos e insígnias. São inúmeras as maneiras de produção utilizadas, todas com alto grau de planejamento e execução. Podemos dizer, neste sentido, que são peças muito comuns no nosso dia a dia e que em nada deixam a desejar em relação aos produzidos em alta escala pela indústria.

De certo, estes objetos confeccionados entre os séculos XVIII e XIX, pertencentes às senzalas e casas grandes espalhadas pelo território nacional, e recolhidos de colecionadores e museus, neste artigo, nos possibilita a questão: é possível pensar num design a partir dessa produção de mãos negras?

A resposta aparenta ser anacrônica, visto que o design brasileiro é datado em 1960 e é analisado sob a perspectiva de uma produção em série; ou seja, é um conceito contemporâneo que faz jus ao produto e sua funcionalidade. Neste sentido, não nos cabe alocar os objetos da referida coleção nesta proposição conceitual ainda engessada. Contudo, é justamente nesse pensar anacrônico, nessa dupla temporalidade, nessa possibilidade de repensar o conceito, tencioná-lo e deslocá-lo para que reflitamos sobre essa produção de magnitude, que o tencionamos no tempo. É nesta aparente confusão entre o design enquanto verbo ou substantivo, como afirma Flusser (2013), que o deslocaremos para o ontem, atentando-nos nas rupturas causadas, nas tentativas de apagamento e silenciamento produzidos pela história europeizada. Queremos repensar o design brasileiro a partir dessa produção, que diz muito de nossa construção identitária. Se é possível, certamente a resposta estará nos objetos.

Neste sentido, identificaremos como essa produção diz respeito ao que foi canonizado como design, em sua perspectiva também projetual. Estaremos atentos na “lógica projetual” desses produtos, identificando os esboços, as formas, as matérias-primas, as montagens e as funcionalidades. A partir desses apontamentos, certamente, estaremos aptos a discorrer sobre o lugar do design nessa produção.

Salientamos que o conceito de design abordado em nosso construto histórico e atemporal está baseado nas proposições de Vilém Flusser e Rafael Cardoso. Do primeiro autor, trazemos ao debate sua concepção sobre o design enquanto conceito duplo, entre o verbo e o substantivo, nas dimensões entre a coisa e a não-coisa, no viés mecânico e simbólico; de Cardoso, a proposição e as referências de um protodesign, num contexto historiográfico de um fazer design no Brasil antes de 1960.

Da perspectiva simbólica, enfatizada por Flusser, acreditamos que a inserção dos objetos da coleção Arte, *adorno e design e tecnologia no tempo da escravidão*, no contexto de um design antes do design, pensando essa produção como a gênese do design brasileiro, pelo menos enquanto categoria semântica e cultural, nos proporcionará fortalecer, ainda mais, o viés cultural que o design sempre preconizou, desde seu primevo, e que aparentemente foi sendo descartado e substituído por preconceitos.

Desse modo, neste artigo, interessa-nos enfatizar que esse simbólico, essa prática marginalizada, detém a força necessária para que não percamos a fé, como diz Flusser (2013, p. 186), “na arte e na técnica como fontes de valores”, ou seja, é imprescindível levar todas as formas de produção, a partir de uma prática serial e que pode revelar que a forma segue a função ou não. Vejamos o que nos exemplifica Flusser a respeito dessa prática de um design atemporal e que, decerto, ainda parece negligenciada:

A capacidade de olhar através do tempo em direção à eternidade, e de reproduzir o que foi visto desse modo, tornou-se relevante, no mais tardar, a partir do terceiro milênio. Era a época em que as pessoas iam para o alto das montanhas mesopotâmicas, olhavam em direção à nascente dos rios e podiam prever secas e inundações, e depois traçavam linhas em plaquetas de argila para representar os canais que deveriam ser cavados futuramente. Naquele tempo essas pessoas eram consideradas profetas, mas hoje em dia preferível chamá-las de designers. (Flusser, 2013, p. 189).

No mesmo olhar conceitual de Flusser, em enxergar o design além dele mesmo, a outra dimensão que certamente completa os apontamentos do autor acima, Rafael Cardoso vai no cerne da história do design brasileiro e tensiona o conceito e propõe uma reescrita da história, atentando-se para um fazer a priori do datado 1960, desfazendo, assim, um mito da consciência nacional (Cardoso, 2005).

Assim, Cardoso nos esclarece sua inquietação:

(...) o design tende a se tornar cada vez mais ubíquo, permeando todas as atividades de todas as pessoas em todos os momentos, e chegando mesmo a desmontar (até certo ponto) a separação rígida que antes demarcava a fronteira entre produtor e usuário. (Cardoso, 2005, p. 8).

Das palavras de Cardoso, inferimos um desafio: é possível pensar nesse protodesign sem enfraquecer a história convencional que encontramos nos livros e nos referenciais da indústria e do mercado? Pensemos que não se trata de enfraquecer, mas de decolonializar a história do design brasileiro, não abandonando o posteriori, mas, travando o debate e enfrentando as fraquezas que ainda estão sendo respaldadas com discursos sem bases.

Esse ato de decolonializar o conceito está vinculado a uma revisitação, como propôs Cardoso, olhar às margens, acrescentar a essa história personagens que ainda não foram vistos, os que foram descartados. Lembremos que o design brasileiro deve muito aos grupos étnicos e artesãos.

Como reverter esse quadro, já que é evidente que o design ainda pode fazer muito num país com extrema carência de projetos, de soluções, de planejamento? Correndo assumidamente o risco de advogar em causa própria, ousaria afirmar que um dos caminhos a serem percorridos nessa busca é o do autoconhecimento. Enquanto os designers continuarem a desconhecer o rico e fértil legado histórico de projeto que existe em nossa cultura há um século ou mais, estarão condenados a descobrir a pólvora e a reinventar a roda a cada geração. Pior que isso, estarão optando por permanecer presos aos limites estreitos da conceitualização da profissão imposta pela modernidade envelhecida de quarenta anos atrás, que ainda se manifesta em dicotomias falsas, tais como forma/função, design de produto/design gráfico, aparência/uso, arte/design, mercado/sociedade. (Cardoso, 2005, p. 16).

Por fim, gostaríamos de acrescentar repensar o design brasileiro a partir da produção negra, especificamente de homens e mulheres escravizados, é dar a oportunidade do design se engrandecer e fortalecer sua/suas identidade(s), sabendo que muito do que se produz hoje e do que se busca como exclusividade tem origem das mãos negras.

Referências

- Cardoso, R. (2005). *O design brasileiro antes do design: aspectos da história gráfica (1870-1960)*. São Paulo: Cosac Naify.
- Flusser, V. (2013). *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*. Raquel Abi-Sâmara (Trad.). São Paulo, Cosac Naify.

Abstract: This article discusses the concept of design in Brazil. In fact, it revisits the semantic construction of this and sets out for a debate that crosses centuries. In this sense, it proposes to analyze objects produced by enslaved black men and women between the 18th and 19th centuries. For this we have as sources the objects from the collection Art, adornment, design and technology at the time of slavery, a collection from the Afro Brazil Museum, in the city of São Paulo - Brazil. It is from these objects that we will point out if the concept of design can be understood in the production that precedes the historical milestone of Brazilian design.

Keywords: design concept - slavery - Objects - Afro Brazil Museum.

Resumen: Este artículo analiza el concepto de diseño en Brasil. De hecho, revisa la construcción semántica de la misma y plantea un debate que atraviesa los siglos. En este sentido, se propone analizar los objetos producidos por los hombres y mujeres negros esclavizados entre los siglos XVIII y XIX. Para ello tenemos como fuentes los objetos de la colección Arte, adorno, diseño y tecnología en la época de la esclavitud, colección del Museo Afro Brasil, en la ciudad de São Paulo - Brasil. Es a partir de estos objetos que señalaremos si el concepto de diseño puede ser entendido en la producción que precede al hito histórico del diseño brasileño.

Palabras clave: concepto de diseño - esclavitud - Objetos - Museo Afrobrasileño.

(* Anderson Almeida: Doutor em Artes Visuais, História, Teoria e Crítica de Arte (UFRGS), Mestre em História (UFAL), graduado em Design de Interiores (IFAL), Artes (UFAL) e Artes Visuais (UININTER). Pesquisa coleções de arte afrorreligiosa, estética de terreiros, história do design brasileiro e design, cultura e memória. E-mail: andersondiego.almeida@gmail.com

Currículo por competências no Design de Moda: o caso SENAI CETIQT

Cláudia Mendes de Souza, Cristiane de Souza dos Santos de Carvalho, Luisa Helena Silva Meirelles e Amanda Fernandes Cardoso Vasconcelos (*)

Actas de Diseño (2022, octubre),
Vol. 41, pp. 179-183. ISSN 1850-2032.
Fecha de recepción: julio 2021
Fecha de aceptación: enero 2022
Versión final: octubre 2022

Resumo: O presente trabalho descreve o processo de elaboração de um desenho curricular integrado, baseado em competências, no curso de Bacharelado em Design de Moda da Faculdade SENAI CETIQT (Brasil). O desenho curricular se abalizou em um perfil profissional coadunado com as expectativas de um mercado em transformação, e aplica prática pedagógica baseada em solução de problemas organizados em módulos fechados e em projetos integradores. Novos processos avaliativos e limitações na flexibilização na definição de grades curriculares estão entre os maiores desafios. Torna-se evidente que o sucesso desta mudança curricular implica em novas formas de pensar e agir de toda a comunidade acadêmica.

Palavras chave: Currículo - Design de moda - Competências - Ensino baseado em projeto.

[Resumos em espanhol e inglês e currículo na p. 182]